



**ATÉ QUE O CAPITALISMO OS SEPRE: CASAMENTO E VIUEZ
COMO CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS DA RECONSTRUÇÃO
ECONÔMICA DO SUL DOS EUA EM *GONE WITH THE WIND* (1939),
DE VICTOR FLEMING**

*Until the capitalism separate thies: marriage and widowness as simbolical built of the
economical reconstruction of the south united states in *Gone With the Wind* (1939), by Victor
Flemming*

*Hasta qué el capitalismo nos separe: casamiento y viudez cómo contrucciones simbólicas de
la reconstrucción económica del sur de los Estados Unidos en *Gone With the Wind* (1939), de
Victor Fleming*

Yasmine Louro¹
Ybsen Louro²
Diana Barreto Costa³

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar os signos, símbolos e imagens presentes em *Gone With the Wind* (1939), de Victor Flemming, que posiciona Scarlet O'Hara, protagonista da obra, como uma representação da economia dos Estados Unidos nos anos posteriores à III Guerra Civil Americana, conhecida como Guerra da Secessão. A metodologia utilizada será a Teoria Semiótica Greimasiana, de linha francesa, levando-se em consideração os estudos de Barros (2005) sobre a temática. A fundamentação teórica será norteadada pelos estudos de Karnal (2007) e Lepore (2018), sobre as referencialidades históricas concernentes à Guerra da Secessão Norte-Americana e os anos posteriores, de reestabelecimento da economia. Como resultados, obteve-se que a vida de Scarlet O'Hara é figurativamente o processo de implementação da indústria no cerne da economia estadunidense, representada por meio de seus múltiplos casamentos com homens diferentes. Como considerações finais, obteve-se que sua pobreza é a representação da Secessão e que tais casamentos referem-se às fases da industrialização do Sul dos Estados Unidos ocorridos durante a Reconstrução.

Palavras-chave: *Gone With the Wind*. Viuvez. Guerra da Secessão.

¹ Doutoranda. Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil. yasminelouro@outlook.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7417466504142267>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4951-3339>

² Graduando. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Imperatriz, Maranhão, Brasil. ybsengauss@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8251641315442833>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0009-0300-000X>

³ Doutora. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Imperatriz, Maranhão, Brasil. diana.costa@uemassul.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8323976550904898>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7499-1631>

Abstract: The present research has as main objective to analyse the signs, symbols and images presented in *Gone With the Wind* (1939), by Victor Flemming, that put the work's protagonist, Scarlet O'hara, as representation of the United States economy on the forward years after the III American Civil War, known as the Secession War. The methodology used wore the french-ligned Greimasian Semiotics Theory, considering Barros (2005) studies about the thematic. The theoretical foundation is guided by Karnal (2007) and Lepore (2018), about the historical referencies, concerning to the Secession North-American War and followings Years, occurred the economic reestablishment. As results, have been obtained that Scarlet O'Hara's life is figuratively the process of industrial implementation in the core of the statunian economy, represented by hers multiple marriages with different men. As final considerations, have been obtained that the poorness of hers is a representation of the Secession and that the marriages refer to the fases of the industrializing of United States South during Reconstruction.

Keywords: *Gone With the Wind*. Widowness. Secession War.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo analizar los signos, símbolos e imágenes presentes en *Lo que el viento se llevó* (1939), de Victor Flemming, que posiciona a Scarlet O'Hara, la protagonista de la obra, como una representación de la economía estadounidense en el años después de la Tercera Guerra Civil Estadounidense, conocida como Guerra Civil. La metodología utilizada será la Teoría Semiótica Greimasiana, de estirpe francesa, teniendo en cuenta los estudios de Barros (2005) sobre el tema. La fundamentación teórica estará guiada por los estudios de Karnal (2007) y Lepore (2018), sobre los referentes históricos concernientes a la Guerra Civil norteamericana y los años posteriores de restablecimiento económico. Como resultado, se obtuvo que la vida de Scarlet O'Hara es en sentido figurado el proceso de implantación de la industria en el corazón de la economía estadounidense, representado a través de sus múltiples matrimonios con diferentes hombres. Como consideraciones finales, se encontró que su pobreza representa la Secesión y que dichos matrimonios hacen referencia a las fases de industrialización en el Sur de Estados Unidos ocurridas durante la Reconstrucción.

Palabras clave: *Gone With the Wind*. Viudez. Guerra civil.

Introdução

*Lisases na terra morta, mesclando
Memória e desejo, aticando
Raízes tardas com chuvas de primavera
O inverno nos agasalhou, cobrindo
A terra da neve esquecida, nutrindo
Pouca vida com tubérculos secos
(O enterro dos mortos – T. S. Eliot)*

Scarlett O'Hara é provavelmente uma das protagonistas mais famosas da literatura e cinema de todos os tempos. Com a publicação do livro de Margaret Mitchell, em 1936, e a posterior estreia da adaptação cinematográfica dirigida por Victor Fleming, em 1939, a dama sulista foi protagonizada por Vivian Leigh e ganhou notoriedade por sua beleza etérea e atuação brilhante. Além de Scarlett O'Hara representar a beleza sulista virginal na primeira parte do

romance, ela representa também o ideal feminino inatingível, ao constantemente recusar os pedidos de casamento de Rhett Butler, o homem considerado um crápula pela alta sociedade sulista. Tal narrativa é ambientada em um período em que o Sul dos Estados Unidos estava em vias de tornar-se a Confederação, no que viria a ser conhecido posteriormente como Guerra da Secessão (1861-1865).

Em uma perspectiva semiótica, pode-se analisar os casamentos de Scarlett sob o viés da contextualização histórica do período que marca a Guerra da Secessão (1861-1865), período que viria a ser conhecido como a Reconstrução (1865-1867). Coincide que Scarlett casa-se nos momentos de transição histórica, sendo esses enlaces marcados tanto pela comunhão quanto pela viuvez, já que Scarlett enviuvava duas vezes.

Os casamentos de Scarlett representam os pactos socioeconômicos realizados pelo Sul dos Estados Unidos no período acima mencionado, bem como a forma de preservar uma dita autonomia ideológica e, principalmente, manter o regime escravocrata que vitimou milhares de africanos e afro-americanos ao longo de quase 300 anos. Dessa forma, Scarlett O'Hara representa o Sul e os seus maridos, as fases desse processo de revolta e reconstrução: com Charles Hamilton, representa a união do Sul com o idealismo do Exército Confederado; com Frank Kennedy, as novas alianças com grupos fascistas como a Klu Klux Klan para reaver a força identitária sulista e masculina por trás da crença da supremacia branca; e, por último, com Rhett Butler, a submissão do Sul ao Sonho Americano.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os signos, símbolos e imagens presentes em *Gone With the Wind* (1939), que posiciona a sua protagonista, Scarlet O'Hara, como uma representação da economia dos Estados Unidos, nos anos posteriores à III Guerra Civil Americana, conhecida como Guerra da Secessão. A abordagem se fundamentará nos estudos de Barros (2005) acerca da Semiótica Greimasiana Francesa, partindo da definição da teoria semiótica como a investigação da construção de significados, o estágio da evolução do signo através da semiose, e a significância da comunicação. John Locke, no século XVII, foi o primeiro a introduzir o termo, embora Charles Peirce (1839-1914) tenha sido o pioneiro na pesquisa temática.

Como metodologia, utilizamos a Teoria Semiótica Greimesiana, especificamente a terceira etapa do Percorso Gerativo de Sentido, a etapa das estruturas narrativas. De acordo com Barros (2005), a semiótica se concentra no conteúdo textual, ou melhor, procura analisar e

esclarecer o que o texto está comunicando e como ele realiza essa comunicação. Assim, iremos considerar a expressão não-verbal apresentada através dos quadros selecionados do filme *Gone With the Wind* (1939), assim como a comunicação verbal, isto é, os diálogos dos personagens. Vamos também adotar a definição de *signo* conforme Fiorin (2005), que o enxerga como um meio de interpretar a realidade, pois é por meio dele que nós adquirimos compreensão do mundo que nos cerca; e *símbolo* como a representação tangível do conceito abstrato.

Trabalhar-se-á com o conceito de *terra devastada*, que descreve um cenário sombrio e desolado, onde a sociedade e o meio ambiente foram drasticamente prejudicados, como é caso do Sul pós-Guerra da Secessão, representado na narrativa como o momento de transição entre casamentos de Scarlett O'Hara, a protagonista, que se torna viúva duas vezes: na primeira, quando o seu então marido, Charles Hamilton, morre de pneumonia, nunca chegando a de fato lutar pelo Exército Confederado; na segunda, o seu então marido, Frank Kennedy, morre em um ato de retaliação ao linchamento organizado pela Klu Klux Klan de Atlanta, na Geórgia, para vingar Scarlett, vítima de um ataque na estrada a caminho de casa. Estas e outras perdas e vitórias em sua jornada, categorizada pela oposição de subtração e adição de bens ou ganhos, sempre em detrimento da companhia de entes queridos ou de objetos que rodeavam seu viver se desenvolvem durante a III Guerra Civil Americana, conhecida como a Guerra da Secessão, que durou de 1861 a 1865, e vitimou mais de 600 mil vidas.

O presente artigo está dividido em três seções: a primeira, *Um país dividido: Breve contextualização do momento pré e pós da III Guerra Civil Americana (1861-1865)*, serão apontadas referencialidades históricas relevantes para a compreensão do período entre 1861 e 1877, que contribuem para a análise; na segunda, *Até que a morte os separe: subjetividade, casamento e viuvez nas representações femininas*, pontuar-se-á considerações acerca do casamento e da viuvez para a obra em questão; na terceira e última seção, *Terra Devastada?: Representações dos Ciclos Econômicos a partir da Guerra da Secessão em Gone With the Wind (1939)*, realizar-se-á a análise semiótica da obra objeto deste trabalho. Na próxima seção, abordaremos brevemente as referencialidades históricas.

Um país dividido: breve contextualização do momento pré e pós da iii guerra civil americana (1861-1865)

As investidas de Abraham Lincoln para o favorecimento do desenvolvimento econômico e social tomaram-se um símbolo de liberdade e igualdade, mesmo que a atitude

tomada pelo décimo-sexto presidente dos Estados Unidos não tivesse caráter humanitário, apenas de adequação aos parâmetros exigidos pela sociedade européia para o desenvolvimento Industrial em larga escala. Em 1º de janeiro de 1863, a abolição foi declarada nos Estados Unidos, com a Lei de Emancipação dos Escravos, precedendo o fim da Secessão, em maio de 1865, com a derrota dos sulistas e a reintegração da União e ocupação do território confederado.

Logo após o findar da secessão, em 1865, teve início o período conhecido como reconstrução. Caracterizado pela reintegração dos estados separados do restante da União, durou até 1868, mas teve consequências durante a década posterior, findando o período em 1877 quando o movimento segregacionista ganhou força. Os líderes republicanos acreditavam que símbolos de opressão como o nacionalismo confederado exacerbado e o poder político de escravocratas deveria ser suprimido, de forma que propostas como as realizadas na *Convenção Nacional dos Homens de Cor* (1864), em Syracuse, Nova York, que reivindicavam cidadania integral para homens negros, ou legislações como a Lei da Propriedade Rural (1862) que propunha a ocupação de 160 acres de terras arrendadas de senhores de escravos e latifundiários confederados por ex-escravos e negros livres, como restituição pelo período da escravidão, após a ocupação do Sul pela União estadunidense no mesmo ano da lei em vigor, em territórios com Nashville, Nova Orleans e Memphis.

Esses líderes fundamentaram o *comeback* para as atitudes políticas e sociais adotadas por representantes políticos confederacionistas para a manutenção do escravagismo no território estadunidense, principalmente, ao se alinharem com ideias de desapropriação e redistribuição de “4 milhões de acres para que estes fossem divididos em até 40 acres para cada homem liberto adulto” (LEPORE, 2018, p. 449), como foi proposto pelo Comitê de Formas e Meios, durante a administração de Lincoln. Entretanto, o assassinato de Lincoln, em 14 de abril de 1865 por John Wilkes Booth, favoreceu a ascensão de Andrew Johnson (sucessor de Lincoln) ao cargo presidencial, em 1866.

Johnson, o décimo-sétimo Presidente dos Estados Unidos, “não falava em ‘reconstrução’, mas sobre ‘restauração’: queria trazer os estados confederados de volta para a União o mais rápido possível e deixar que os estados decidissem as questões envolvendo cidadania e direitos civis” (LEPORE, 2018, p. 450). Os Republicanos, notando sua atitude protecionista em relação ao Sul e as punições para os confederados, anularam os vetos de

Johnson, iniciando um processo de Impeachment, entretanto, Andrew Johnson permaneceu no poder por votação do Senado.

Notando essa falha estrutural na Constituição Norte Americana, a Comissão Mista para a Reconstrução elaborou a Décima Quarta Emenda, que trazia uma definição de cidadania que garantia os direitos e deveres constitucionais de cidadãos brancos e negros, como afirma Lepore (2018, p. 450), “todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos, e sujeitas à jurisdição do mesmo, são cidadãos dos Estados Unidos e do estado em que residem. Nenhum estado fará ou aplicará nenhuma lei que retire os privilégios ou imunidades dos cidadãos dos Estados Unidos”.

As Leis da Reconstrução dividiram a Confederação em cinco distritos militares, onde cada estado confederado foi obrigado a elaborar uma nova Constituição; os soldados confederados perderam o direito ao voto, mesmo que o de grandes senhores de escravos fosse mantido. Assim, as brechas na instituição estatal permitiram o crescimento de grupos supremacistas brancos, como é o caso da Ku Klux Klan, algo que seria potencializado com a permissividade para comportamentos racistas e a criação de estruturas fixas, aparentemente irremovíveis do imaginário popular, relativas ao ódio e repressão à comunidade negra e ao posicionamento político-ideológico negro.

Foi com a eleição de Rutherford Hayes em 1876 que os estados confederados ganharam mais liberdade. Entre “1882 e 1930, mais de três mil homens e mulheres negras foram mortos enquanto a Klan aterrorizava o interior do país, incendiando, caçando, torturando e matando pessoas” (LEPORE, 2018, p. 467), e, enquanto representantes negros eram exonerados de cargos públicos, as Leis Jim Crow ganhavam força plena, principalmente após a separação de vagões de trens entre brancos e negros, em 1881, no Tennessee, e a separação de assentos em transportes públicos na Geórgia de 1891. A eleição de Rutherford Hayes, a implementação de Leis Jim Crow, a partir de 1880 e a atividade escancarada da Ku Klux Klan marcaram o fim da Reconstrução Estadunidense e deram início ao período de Segregação Racial, que chegaria ao fim apenas em 1964, um século depois do fim da Guerra da Secessão.

A Reconstrução dos Estados Unidos permitiu que afrodescendentes votassem, que comissões representativas da negritude ganhassem força, que fossem realocados negros em posições de poder na política e militarismo de determinados territórios, removendo o poder de voto de mais de antigos soldados e oficiais confederados. A Reconstrução Estadunidense é deturpada com a eleição de Rutherford Hayes, favorecendo a permanência de um Sul democrata

e um Norte republicano, ponto chave para a sessação dos direitos de ir e vir do negro e que continuaria assim até 1964.

Até que a morte os separe: subjetividade, casamento e viuvez nas representações femininas

Em *Gone With the Wind* (1939), Scarlett O'Hara torna-se viúva duas vezes: na primeira, quando o seu então marido, Charles Hamilton, morre de pneumonia, nunca chegando a lutar pelo Exército Confederado; na segunda, o seu marido, Frank Kennedy, morre, em um ato de retaliação ao linchamento organizado pela Klu Klux Klan de Atlanta, na Geórgia, para vingar Scarlett, vítima de um ataque na estrada a caminho de casa. Quando Charles Hamilton morreu, a Guerra da Secessão ainda estava no seu auge. O Sul era uma potência economicamente estável, e não havia ainda proibições que os impediria de negociar com outros países. Porém, quando Frank Kennedy morreu, o Sul estava lutando para se reestabelecer, para sobreviver às sanções restritivas da Reconstrução.

Quando Charles Hamilton morreu, Scarlett ainda estava na flor da idade, sem nenhuma responsabilidade além de si mesma – diferente do livro que originou o filme, em que Scarlett engravida de Charles antes que ele faleça. Então, Scarlett não sente o peso da morte do seu marido, pois compreendia que teria mais autonomia se fosse viúva. Quando Frank Kennedy morreu, no entanto, Scarlett estava mais velha, cínica após testemunhar os horrores da guerra, conhecedora do mundo masculino que habitava. Sem filhos, viúva do segundo marido, Scarlett parece amaldiçoada. A sua maior responsabilidade, que é a de trazer crianças ao mundo, não foi cumprida. Uma viúva sem herdeiros é uma viúva incompleta.

Durante esse período conturbado de sua vida, em que há mudanças determinantes de concepção em sua subjetividade, Scarlett utiliza de suas roupas como tradução dos sentimentos conflitantes que pesam em seu coração. Como as mulheres eram desestimuladas a fazerem qualquer coisa, como escrever ou pintar, e as atividades artísticas mais refinadas eram consideradas meramente masculinas, Scarlett tinha pouco espaço para performar o seu senso de moda refinado. Por mais que se dê a ideia de uma vida glamorosa, repleta de bailes e festas regadas a muito luxo, a velocidade acelerada do filme é a principal responsável por essa impressão. Levando-se em consideração a obra de Margareth Mitchell (1936), as reuniões entre

famílias eram comuns, mas eram mais centradas em jantares. Os bailes particulares eram dispendiosos e os bailes públicos eram considerados mal frequentados.

No caso, como a obra é ambientada em um momento histórico sensível, haviam mais reuniões para elaboração de planos de guerra e arrecadação de fundos. Nesse momento, Scarlett utiliza da sua fortuna para se vestir o melhor possível. Além de fazer parte de uma família aristocrata, Scarlett é também uma mulher bonita. No livro, é muito comum menções de como ela se preocupava em banhar-se com nata para manter a pele a mais pálida possível ou o momento icônico em que decide fazer um vestido de uma cortina. A sua vaidade é um poder simbólico que ela detém com fúria e Scarlett orgulha-se de performar esse traço de hiperfeminilidade que lhe dá poder. Assim como Marguerite de *A dama das camélias* (1848), de Alexandre Dumas Filho, Scarlett simboliza a sua disponibilidade de acordo com a cor de seus vestidos. E pelo caráter intersemiótico da adaptação cinematográfica, a escolha das cores é essencial para traduzir ao espectador o que não é dito explicitamente pela subjetividade de Scarlett. Para isso, pontuaremos aqui a dualidade da representação de Scarlett, marcado pelas cores chamadas aqui de “verde-dólar” e “escarlate”.

Scarlett O'Hara, a femme fatale do Sonho Americano verde-dólar e escarlate: construções imagéticas entre moda e personalidade

No filme, há a construção de Scarlett O'Hara como uma *femme fatale* irresistível e inalcançável. Além de representar um ideal de feminilidade característico do século XIX, da donzela virginal e intocada, a pureza sulista da mulher branca estereotipada, Scarlett também representa o poder e a força que os Confederados encontravam no seu dinheiro, assegurado pela associação da protagonista com a cor verde, que chamaremos aqui de “verde-dólar”, como uma referência à moeda dos estadunidenses, conforme se vê na Figura 1. O “verde-dólar” aqui é utilizado para simbolizar os momentos em que a protagonista quer reafirmar a sua herança sulista, a sua crença no poder que parte do dinheiro.

Figura 1 – Scarlett e o verde-dólar.



Fonte: *Gone With the Wind* (1939), dir. Victor Fleming.

Os sulistas acreditavam no poder do dinheiro, na distinção social entre o orgulho conservador do Sul e o liberalismo do Norte. Quando Scarlett ultrapassou o seu orgulho e casou-se com Frank Kennedy, o noivo mais velho de sua irmã, a narrativa a veste com a cor do seu nome, o escarlate, como visto na Figura 2. O vermelho aqui simboliza o rompimento com as concepções ultraconservadoras dos sulistas da época, aristocratas que priorizavam os seus valores corrompidos em detrimento da vida humana de uma forma geral. O grupo obviamente concordava que negros não mereciam ser tratados com dignidade, mas também pessoas brancas pobres, burgueses e estrangeiros eram considerados inferiores.

Figura 2 – Scarlett e o escarlate.



Fonte: *Gone With the Wind* (1939), dir. Victor Fleming

Os burgueses eram tratados como inferiores pela “novidade” do seu dinheiro, por terem enriquecido de uma forma “indigna”, por terem trabalhado para adquirir aquele valor e não o herdado. Herdar é muito mais importante do que deter qualquer quantia de dinheiro. Quando Scarlett decide romper com esse princípio reforçado pelos aristocratas sulistas, a narrativa a tingi de vermelho. Por torná-la *persona non grata*, por torná-la indigna. Assim como Esther de

A letra escarlate (ano), de Nathaniel Hawthorne. Contudo, Scarlett não usa uma letra. Ela personifica o valor agregado à cor pela sociedade sulista ultraconservadora.

Assim como o seu primeiro marido, Frank também lutou na Guerra da Secessão, mas voltou vivo. Proprietário de uma madeireira, Frank abre uma mercearia e Scarlett vê a chance de ascender socialmente e pagar as dívidas de Tara, caso se submetesse ao “dinheiro novo” de Frank. Scarlett, então, abre mão do orgulho sulista tradicionalista, que trata a árvore genealógica como símbolos de distinção e poder, para se casar com um homem que supostamente está abaixo do seu nível social.

O escarlate emblemático é utilizado para simbolizar os laços de sangue rompidos, a superação da tradição em nome da sobrevivência a uma nova modalidade econômica, à Revolução Industrial imposta pela Inglaterra ao Sul não-industrializado. Ao se vestir na cor que a denomina, Scarlett se transmuta em um símbolo dos valores em transformação do Sul devastado, da adaptação às modernidades e, principalmente, pela convicção de não se ter mais escrúpulos na busca pela realização de suas vontades, que ela demonstra não ter mais ao se casar com um homem que despreza, que contraria todos os seus desejos e expectativas.

A contraposição do “verde-dólar”, a Katie Scarlett O’Hara, filha de um grande fazendeiro de algodão sulista, que mantém as tradições e responde às expectativas sociais que são dela cobradas, ao “escarlate”, a Scarlett O’Hara Kennedy, proprietária de uma madeireira podre e esposa de um marido frouxo, que não teme ser considerada imoral pela sociedade, porque já assegurou o seu meio de vida, não é apenas a oposição de cores, mas uma oposição de valores. A narrativa nos apresenta a subversão dos valores de Scarlett através das roupas que veste, afinal, em um mundo marcado por diferenças de papéis de gênero, é por meio de seus vestidos que Scarlett traduz a sua transformação interna.

Terra devastada?: representações dos ciclos econômicos a partir da guerra da secessão em *Gone With the Wind* (1939)

Um dos marcos iniciais na popularização do conceito de *terra devastada*, é o poema épico *Paradise Lost* (1667), de John Milton. Embora não seja uma representação direta de um mundo devastado, o poema apresenta elementos de uma realidade transformada após a queda de Adão e Eva, o que é considerado por alguns críticos uma antecipação do gênero. A obra frequentemente associada ao desenvolvimento notável do termo, *The Waste Land* (1922), de T. S. Elliot, foi influenciada pela devastação da I Guerra Mundial e pela sensação de desolação,

desintegração cultural e fragmentação do mundo após a guerra, abordando temas de decadência, desilusão e perda de valores; conceitos esses que são reaproveitados e representados em *Gone With the Wind* (1939), como se vê na Figura 3.

Figura 3 – Representação do conceito de Terra Devastada em *Gone With the Wind* (1939)



Fonte: *Gone With the Wind* (1939), dir. Victor Fleming.

Em *Gone With the Wind* (1939), temos contato com as consequências da Guerra da Secessão, em detrimento do Sul dos Estados Unidos, como a óbvia destruição econômica e infraestrutural, principalmente em razão da abolição dos escravos, institucionalizada a partir da Proclamação de Emancipação, assinada por Abraham Lincoln, em 1863. Com a derrocada de Robert E. Lee em 1865, o Exército Confederado viu-se rendido e as terras sulistas tornaram-se vulneráveis ao saque dos ianques. Como já pontuamos anteriormente, Scarlett O’Hara é a representação do Sul dos Estados Unidos e os seus casamentos são alegorias para as fases econômicas enfrentadas pela região, para o seu reestabelecimento após perder a guerra. Endividados, com inúmeros feridos e inválidos, além da óbvia destruição física e psicológica da sua população, os sulistas precisaram abrir mão de algumas de suas concepções afim de que pudessem sobreviver ao caos.

No caso de Scarlett, ela precisou abrir mão de sua obsessão por Ashley para vingar-se dele, casando-se com o noivo de sua irmã; depois, ela precisou abrir mão de seu orgulho tenaz e dos resquícios de sua prudência aristocrata para se casar com um homem de índole duvidosa, um burguês. Com o falecimento subsequente de seus maridos, Scarlett se defronta com a responsabilidade de ser uma viúva sem filhos. A sua juventude a induz a casar-se novamente, dessa vez com Rhett Buttler, um homem sem princípios, de fortuna de origem desconhecida. Não apenas isso, como a insistência incômoda de Rhett.

Rhett não é uma escolha, é uma consequência. Por Rhett, Scarlett abre mão da última das suas falsas modéstias, que a prendiam as concepções de um mundo anterior à guerra, que não existe mais. Casando-se com Rhett, Scarlett perde o que considerava mais valioso, que era a pureza da sua árvore genealógica. Com ele, tem uma filha, que os torna, para sempre, indissociáveis. E é com o falecimento dessa filha que o acordo entre eles se rompe, perde a validade. Mas é Rhett quem caminha com orgulho para longe, abandonando Scarlett. Ele a corrompeu em definitivo, mas, enquanto ela finge ser a mesma que era antes dele, Rhett sabe que a modificou para sempre. Por isso é tão fácil para ele ir embora e abandoná-la à própria sorte. O mundo dela não será mais o mesmo depois que ele se for.

Levando em consideração os desdobramentos do enredo, consideraremos cada um dos casamentos de Scarlett O'Hara como uma fase específica da economia do Sul dos Estados Unidos, a partir da Guerra da Secessão.

Unidos para além da causa: Charles Hamilton, o "herói" dos Confederados

O momento em que Scarlett O'Hara decide se casar com Charles Hamilton, é em uma reunião das famílias sulistas na casa de Ashley Wilkes, o amor idealizado da moçoila. No encontro, as donzelas são reunidas em um grande quarto para tirarem uma soneca, mas Scarlett escapa para bisbilhotar a reunião dos homens. Nesta, os patriarcas sulistas conversam sobre a possibilidade de deflagração de uma guerra civil, estando eles convictos da invencibilidade do Sul em razão do enorme orgulho tradicionalista e supremacia branca.

Após ser desprezada por Ashley e ser confrontada por Rhett Butler, Scarlett precisa ter o seu ego amaciado. Para isso, ela decide se vingar indiretamente de Ashley, ao aceitar a proposta de casamento do noivo da irmã dele, Charles Hamilton. O herdeiro Hamilton é belo e galante, mas não muito esperto e tem um final ainda mais patético: morre de pneumonia no hospital de campanha, sem nunca ter entrado em campo de batalha.

O casamento infrutífero de Charles Hamilton com Scarlett simboliza as esperanças idealistas e reacionárias dos Confederados, ao acreditarem na possibilidade de o Norte não ter apoio externo ao lutar contra eles. Extremistas, ainda que românticos, negavam-se a compactuar com a industrialização promovida pelo Norte, com o apoio da Inglaterra, como também a libertar os escravizados que já tiveram a sua liberdade garantida por lei.

De aparência juvenil e a decidido a se unir ao Exército Confederado, Charles Hamilton representa a fase inicial da Guerra da Secessão, quando os sulistas acreditavam que o conflito

se resolveria facilmente, com vitória para eles. Scarlett, ao se casar com ele, representa a fé sulista nos princípios da causa confederada, assim como a força motriz dos sulistas enquanto unidade, movidos apenas por um desejo: a separação dos estados confederados da União. A morte de Charles, demonstrando a mediocridade do esforço sulista se comparado à capacidade bélica do Norte, é o marco do início do fim da causa confederada.

Pactos de emergência: Frank Kennedy e a Reconstrução

Após os ianques invadirem Atlanta, Scarlett foi obrigada a voltar para Tara, com Melly, o bebê Beau e Prissy, a mucama de Scarlett na cidade. Durante a jornada, Scarlett passou dias sem comer ou beber água, encontrando cidades inteiras devastadas pelo exército ianque, para também encontrar Tara destruída, com os seus moradores definhando com o tifo. Na ocasião, Scarlett descobre que a sua mãe faleceu e vai ao jardim para prometer, em uma cena antológica, que nunca mais passaria fome, ela ou sua família.

É o que acontece quando Scarlett mobiliza as suas forças para reorganizar Tara, cultivar algodão e cuidar da família. Porém, os seus esforços parecem em vão quando a hipoteca da fazenda é cobrada e o valor de 300 dólares seria altíssimo, para os padrões da época. Em uma tentativa desesperada, Scarlett costura um luxuoso vestido com as antigas cortinas de sua mãe e vai em busca de Rhett, que afirma não ter o valor suficiente para ajudá-la, porque está preso e com as contas bloqueadas. Nenhum dos lados o quer, mas os dois insistem em deixá-lo infeliz. Por coincidência, ela encontra com Frank Kennedy, o noivo de sua irmã, como visto na Figura 4.

Figura 4 – Frank Kennedy e Scarlett O’Hara Hamilton.



Fonte: *Gone With the Wind* (1939), dir. Victor Fleming.

Scarlett nunca foi tímida ao afirmar que considerava Frank Kennedy patético, mas, quando ele apresenta a sua pequena mercearia, fruto dos lucros obtidos na madeireira da qual é dono, ela vê uma oportunidade. O ano era 1866 e os planos para a Reconstrução do Sul estavam em pleno funcionamento, mas o assassinato de Abraham Lincoln foi determinante para que o Plano de Reconstrução Radical fosse implementado pelo Congresso, impondo condições ainda mais severas aos estados sulistas. Dentre as medidas que envolviam a Reconstrução, estava a implementação do Governo Militar nos estados do Sul, onde governadores militares foram nomeados para supervisionar a reintegração dos estados na União.

A guerra causou estragos significativos para a vida dos sulistas, desde as *plantations* destruídas até a força de trabalho, que até então era exclusivamente proveniente dos escravizados, naquele momento, em transição. Como a economia do Sul dependia majoritariamente da agricultura, principalmente do cultivo de algodão, com a emancipação dos escravos a força de trabalho agrícola sofreu mudanças, acarretando em uma desvalorização do algodão, no mercado internacional. A Reconstrução resultou em uma industrialização incipiente no Sul, substituindo as *plantations* por fábricas e indústrias que começaram a surgir.

Na narrativa, Scarlett O’Hara provém de uma família de proprietários de *plantations* para o cultivo de algodão. Durante a Guerra da Secessão, Scarlett testemunhou a desvalorização do dinheiro da família, quando o seu pai trocou todos os dólares da família por dinheiro confederado que viria a valer nada, ao fim do conflito. Além disso, com o valor do algodão no mercado internacional despencando, a família O’Hara não conseguiu se reestabelecer, mesmo

quando Scarlett cultiva algodão com as próprias mãos, em uma tentativa desesperada de alimentar a sua família.

Frank Kennedy, soldado reformado do Exército Confederado, rendeu-se à industrialização compulsória do Sul, vendendo madeira de procedência duvidosa para os seus concidadãos e, a partir desse lucro, investindo em bens de consumo para a venda em sua loja. Enquanto Frank é proveniente do “dinheiro novo”, burguês, de vendedores de quinquilharias e de negociações sombrias, Scarlett é filha do “dinheiro velho”, aristocrático, das famílias fundadoras dos Estados Unidos. Ao se casar com Frank, Scarlett, representante da força motriz dos estadunidenses de se adaptar ao cenário econômico para obter lucro, se rende ao novo modelo econômico vigente, superando os preconceitos antigos pelo valor simbólico imposto ao dinheiro.

Ao se submeter a outro casamento sem amor em nome de uma causa, Scarlett estabelece um relacionamento puramente por interesse com Frank, obtendo dele não apenas os 300 dólares que precisa, mas também passa a deter o controle completo seus negócios, tornando-se uma *businesswoman* em pleno cenário de Reconstrução. Como já foi dito que Scarlett não tem mais escrúpulos, a narrativa nos apresenta as suas decisões questionáveis tinha de obter lucro, como a contratação de presidiários para o trabalho na madeireira ou o fortalecimento da venda de produtos questionáveis.

De modo igual ao desfecho com Charles Hamilton, Scarlett também se torna viúva prematuramente: após ser atacada a caminho de casa, Frank Kennedy se reúne com um grupo de homens brancos de índole ilibada, que apenas queria garantir a segurança de mulheres brancas indefesas como Scarlett. O grupo em questão viria a ser mundialmente conhecido como Klu Klux Klan. Diferente dos outros homens, que conseguem sobreviver à prova, Frank é fatalmente ferido e morre, também, pateticamente em nome de uma causa.

Charles Hamilton e Frank Kennedy têm muito mais em comum do que se poderia imaginar: ambos são homens enganados em prol de uma suposta causa e morrem de forma ridícula, contrariando as expectativas do comportamento do cavalheiro sulista médio, corajoso e idealista. Ambos são covardes e fracos, manipulados por uma mulher sem escrúpulos, que pensa apenas em beneficiar a si mesma. Na adaptação de 1939, os dois casamentos não resultarem em uma gravidez representa a impossibilidade de futuro mediante a manutenção dos valores da época.

O Sonho Americano: Rhett Butler e as commodities

Ao longo da narrativa, em várias oportunidades, Scarlett encontra-se com Rhett Butler em seu momento de maior vulnerabilidade. Para ela, Rhett Butler nada mais é do que um homem imoral, disposto a tudo para sair invicto das mais diversas situações. Durante todo o seu relacionamento, Scarlett julgou Rhett como o mais degradado dos homens, principalmente pela convicção dele de que poderia viver a sua vida como queria, sem dever satisfações para ninguém. Mesmo tendo se casado mais de uma vez, Scarlett ainda preservava o respeito às estruturas sagradas matrimoniais. Rhett, no entanto, se relacionava abertamente com prostitutas e não fazia nenhuma distinção entre pessoas “decentes” e “indecentes”.

Além do seu comportamento libidinoso, as origens obscuras de sua fortuna também foram motivo de burburinho em Atlanta, por ele ter chegado à cidade sem nenhuma distinção e, ainda assim, ter conseguido se enfiar no círculo dos mais ricos fazendeiros da região. Apesar de Scarlett pensar que Rhett apenas seduz às pessoas, como ela a seduziu, Rhett Butler detém o poder do “dinheiro novo”, proveniente das *commodities*⁴. Ele não detém nenhuma das fontes primárias, mas as negocia e obtém lucro por meio de sua função como mediador.

Quando o conhece, Scarlett ainda é rica e vive confortavelmente em sua amada Tara, protegida de tudo. Cega por sua obsessão por Ashley, Scarlett trata Rhett com indiferença, porque ele é o oposto do homem honrado que Ashley aparenta ser. Na verdade, é impossível falar sobre o casamento de Scarlett e Rhett sem entrar em detalhes sobre a obsessão de Scarlett por Ashley. Ashley representa todos os valores antigos valorizados pelos Confederados, como o cavalheirismo através de uma representação de masculinidade galante e honrada; já Rhett representa o “dinheiro novo”, julgado como impróprio por parte dos aristocratas sulistas, que não conseguiriam rastrear as origens de seu dinheiro; Rhett representa também os *carpetbaggers*, como foi chamado o conglomerado de comerciantes do Norte que migraram para o Sul na época dos conflitos armados, assim como os *scalawags*, um grupo de brancos sulistas que apoiavam a Reconstrução abertamente.

Esses dois grupos representavam o início do que se consideraria o Sonho Americano no Sul dos Estados Unidos. Diferente da terra devastada pranteada pelos sulistas confederados

⁴ **Commodities** são produtos básicos, geralmente de origem primária, que são comercializados em mercados financeiros e de commodities. Esses produtos podem ser agrícolas, minerais ou energéticos e são frequentemente intercambiáveis com outros produtos da mesma categoria. O termo "commodity" deriva do latim "commoditas", que significa "utilidade" ou "vantagem".

como Scarlett, Rhett tinha dinheiro, propriedades e conseguia ainda manter as suas relações comerciais de venda de commodities para o exterior. Ao se casar com Scarlett, é uma analogia para as tentativas realizadas durante a Reconstrução para o Sul abandonar os seus valores antigos, considerando o processo de industrialização como uma maneira de resgatá-lo dos escombros do pós-guerra. Mas, diferente do que se pode imaginar, representado por meio da resistência de Scarlett em abandonar as negociatas sombrias que aprendeu a realizar quando casada com Frank Kennedy, o Sul não se rendeu ao que foi planejado e dos sonhos só restaram cinzas que o vento levou, resultando na separação definitiva de Scarlett e Rhett.

Na narrativa, o capitão Butler é tudo aquilo o que os Estados Unidos viriam a se tornar: uma grande fábrica de sonhos imaginários, a grande “América”, a terra prometida para aqueles que sonhavam com um espaço geográfico sem os assombrosos impostos socialistas, onde tudo poderia ser comprado. Durante a Guerra, Rhett sempre aparece com adereços caros, está sempre com dinheiro, diferente dos reles mortais, Rhett usa dobrões de ouro de valor incontestável nas suas negociatas, é capaz de atos de coragem respaldados unicamente no valor monetário que representa para aquela comunidade que não o quer, mas precisa dele.

Rhett Butler simboliza os *self-made men*, os homens que se fizeram sozinhos, surgidos do nada, mas que utilizavam-se de negociatas obscuras para obter o dinheiro com que adquiriria influência e, conseqüentemente, “poder”. Antes da Guerra eclodir, todos os sulistas cheios de valores morais antiquados tratavam Rhett praticamente como um indigente por não saberem a origem do seu dinheiro muito mais do que uma interpretação mais rasa de que não o aceitavam pelo seu dinheiro ser “novo”.

Na cena em que flerta com Scarlett na escada, é o novo desdobramento do capitalismo dialogando com os valores antigos: iremos interceder nessa situação com um pacto indolor com os ambos os lados? Caso não houvesse a Guerra da Secessão, será se a trajetória para os Direitos Civis alguns anos depois teria sido a mesma? A Guerra, de certo modo, foi fundamental para que houvesse um rompimento com as práticas antigas, para que a Escravidão nunca mais seja ao menos cogitada.

Quando Scarlett não apenas descarta, como se desfaz, da proposta de Rhett, lembrando, não apenas uma, mas duas vezes, com os seus dois casamentos abruptos e mal planejados, é um rompimento com os valores antigos por parte do capitalismo e a abertura para novos valores, novos públicos, novos consumidores. Em seu casamento com Scarlett, Rhett tenta romper com

o comprometimento da esposa em preservar negócios obscuros, o que ele deduz que seria ruim para um possível casamento para a filha deles, Eugenia Victoria “Bonnie Blue” Butler.

Na casa do casal, é claro o comprometimento de Rhett com o desejo de preservar a opulência pré-Guerra, ao escolher tons dourados para mobiliar a casa, pesadas cortinas de veludo e um grande quadro em homenagem à Scarlett, como visto na **figura 5**. Essa decisão de representar os luxos aos quais Scarlett não tinha mais acesso depois da Guerra a partir da mobília da casa e da verdadeira exaltação à sua imagem, pintada com uma postura imponente e segura, é a valorização dos ideais do passado que, de certa forma, os sulistas não conseguiram abandonar mesmo após a Reconstrução, pois, mesmo perdedores, o orgulho sulista era muito maior do que sanções legislativas que os obrigavam a ficar e libertar os seus escravizados.

Figura 5 – Rhett Butler e o quadro em homenagem à Scarlett, sua esposa.



Fonte: *Gone With the Wind* (1932), dir. Victor Fleming.

Com o casamento com Scarlett, ele tentou lhe assegurar o máximo de conforto possível, tendo acesso aos produtos mais desejados com relativa rapidez graças aos contatos de Rhett, mas a ganância de Scarlett, um traço que nunca lhe foi estranho, mas passou a outro nível de peculiaridade depois da Guerra e toda a cena icônica de segurar um punhado de terra e jurar nunca passar fome, como já mencionado, a impede de gozar com plenitude de tal conforto, porque quer assegurar que nunca mais será pobre.

A partir dessa decisão, há uma ruptura no casamento de Rhett com Scarlett, porque ele não quer mais ser associado às negociatas obscuras do comércio ilegal, enquanto que Scarlett quer preservar ao máximo os negócios antigos, os valores antigos, em um esforço de preservar o Sul assim como antes da Guerra, o que se mostraria um esforço em vão, afinal os “velhos

tempos” não mais voltariam e era necessário reconhecer que novas atitudes precisavam ser tomadas.

Dessa forma, com o nascimento de Bonnie Blue, Rhett esforçou-se ainda mais para se adequar ao que a nova sociedade sulista exigia dele, principalmente um comportamento cordato com quem estava pensando para se reerguer, diferente de Scarlett, que fazia questão de esbanjar o acesso que tinha ao dinheiro proveniente das *commodities* que Rhett vendeu para os dois lados na Guerra. Enquanto Rhett tentava recompor a imagem da família O’Hara-Butler, tendo em vista as consequências sociais e financeiras para os seus novos compatriotas que não tiveram a mesma ideia peculiar de se beneficiar da Guerra, Scarlett continuava com as negociatas dúbias na madeireira, oferecendo um produto questionável para as mesmas pessoas que o seu marido tentava conquistar.

Logo, é com a morte de Bonnie Blue Butler, e a sugestão de que o empurrão que Rhett deu em Scarlett na escada ocasionou um aborto espontâneo, que o casamento dos dois minguou ao ponto sem recuperação. A morte da filha de Rhett e Scarlett é a sugestão de que, os acordos realizados entre a nova conjuntura política, a qual urge a construção do ideal do Sonho Americano, em teoria, não compactuará com os valores da política antiga.

No lugar de *plantations*, fábricas. Ao invés de escravizados, operários. É o fim de uma geração de mulheres brancas proibidas de trabalhar, mas que viriam a descobrir que os direitos trabalhistas ainda precisariam ser inventados. É o início de uma geração de negros que acreditará na terra de possibilidades pintada em tons tricolores, sempre em busca de validação de uma classe que luta continuamente para a sua extinção, pelo genocídio negro.

O símbolo maior do fracasso dos investimentos na Reconstrução do Sul dos Estados Unidos é representado pelo falecimento da filha única de Rhett e Scarlett, Bonnie Blue Butler, que morreu ainda criança de uma maneira trágica. É o falecimento da filha que termina a ruptura do laço tênue que o casal cultivou em seus poucos anos de casamento e, como a criança que falece, os sonhos para um futuro digno para o Sul também foram findados naquele momento, pela relutância dos confederados em abrirem mão de um orgulho vencido e aderir às políticas igualitárias exigidas pelos negros.

Na narrativa, Rhett Butler, que havia se esforçado anos após anos para se manter disponível para Scarlett, que se casou com ela tão logo ela enviuvou, receoso de que ela encontrasse um partido não-tão-melhor assim e se casasse em uma atitude desesperada,

abandona-a com um singelo “eu não dou a mínima, minha querida” (Fleming, 1939), simplesmente exausto de toda a prisão que os valores liberais de Scarlett haviam construído com ele dentro.

No final, foi o liberalismo selvagem de Scarlett que a salvou quando estava prestes a perder Tara ou a coincidência de se apropriar de um latifúndio com uma determinada demanda previamente estabelecida em razão da Guerra e, a partir dele, obter um montante que não necessariamente vai torná-la rica, mas chegando a proporcionar certo conforto? Mesmo que Scarlett obtivesse um certo lucro com a madeireira, não chegava nem perto da quantia obtida por Rhett em seus negócios considerados limpos e honestos. Ao não se submeter ao que Rhett queria, que seria abandonar os negócios ilegais, Scarlett o perde em definitivo. E, com ele, toda a oportunidade de ser novamente feliz.

Considerações finais

Ao trabalhar as questões que rodeiam a política sulista e o embate sociológico entre escravistas e abolicionistas, compreende-se que a alforria de escravizados não se alinhava aos preceitos de justiça, mas sim ao prosperar econômico — não só dos Estados Unidos mas de todas as nações escravistas no alvorecer da Segunda Revolução, como um comportamento comum à balança econômica favorável. O indivíduo liberto não teria terras, poder político ou moradia, não seria recompensado por seu trabalho forçado em condições extremas e sujeição à condições de vida que o faziam menos que animal; assim, sem direitos que lhes resguardassem, ou posição social, no alvorecer dos movimentos segregacionistas, os negros dependiam apenas do Estado para possuírem algo ou serem definitivamente condenados à eterna exclusão e redução. O Governo Estadunidense apenas corroborou e garantiu uma evolução de ideias para legislações que dividissem os membros de uma nação por sua etnia ou posição social, como as Leis Jim Crow (1881-1964).

A Guerra da Secessão dizimou 600 mil vidas, mas para além do chumbo e da pólvora, a terra devastada, a fome e a miséria destruíram centenas de milhares de famílias, pois, enquanto ocorria a destruição generalizada dos territórios associados aos Estados Confederados da América, lentamente a reintegração do Sul dos Estados Unidos à União se desenvolvia, o que perdurou de 1863 até 1868, passando por dois mandatos Presidenciais estadunidenses, Lincoln e Johnson, e a reconstituição de ideais de União e liberdade como vestimenta para o desejo de utilizar a mão de obra de ex-escravos, em algum regime de trabalho compulsório.

É possível traçar os acontecimentos históricos da sangrenta III Guerra Civil Americana pelo ambiente que cerca Scarlett, mas para além do que há na superfície, é possível identificar o *status* econômico da balança sulista por meio de suas vestimentas, da mesma forma que o findar da esperança de um próspero Estado Confederado com a morte da filha de Scarlet, enquanto a fotografia é ambientada em jogos de cores que hora se dão em tons dourados, remetendo a glória, e hora se dão por pinceladas em um azul mórbido na depressão que transporta o telespectador para um período tenebroso para a sociedade estadunidense, dominando os sentimentos individuais ao imprimir significados específicos, relativos à Secessão e a Reconstrução Estadunidense pelo ponto de vista de uma jovem mulher que precisou se tornar chefe de família, ao passo que todos à sua volta pereciam.

Por fim, obteve-se que a implementação da indústria se dava como prioridade da economia estadunidense, e os percalços até o desenvolvimento de métodos para a adaptação dos indivíduos durante a transferência do escravismo para o industrialismo são representados por meio de seus múltiplos casamentos, com homens diferentes, e o findar da Guerra e a dissolução do Estado Confederado, pela morte de sua filha, como analogia para o fim do sonho imperialista supremacista branco estadunidense, com a morte de seu pai, senil e ancião, renascido em um movimento de sustentação de métodos desumanos de controle.

Dessa forma, a implementação da indústria no cerne da economia estadunidense é representada por meio de seus múltiplos casamentos, com homens diferentes. Com o primeiro marido, Charles Hamilton, Scarlett estabelece uma ligação com o Exército Confederado, ao casar-se com um soldado. A partir dele, a família O'Hara demonstra o seu apoio à causa ao investir recursos na guerra. Viúva e desamparada, casa-se com o noivo da irmã, Frank Kennedy, o dono de uma madeireira, e, pela venda de madeira podre, reestabelece a fortuna da família O'Hara, perdida na Guerra da Secessão. Com a nova viuvez, Scarlet rende-se à insistência de Rhett Butler e com ele se casa, dando continuidade aos seus negócios obscuros.

Assim, esses casamentos referem-se às fases da industrialização do Sul dos Estados Unidos, no período conhecido como Reconstrução. A analogia utilizada comprova a necessidade da inserção feminina em negócios considerados de homens quando estes padecem em conflitos armados, como no caso da Guerra da Secessão. A ligação entre os casamentos e os negócios da família O'Hara são um resultado da apropriação do corpo feminino pelo

capitalismo, tornando a composição das estruturas familiares uma consequência do processo de industrialização mundial.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Isabel. A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. nº 39. 1994.

Gone With the Wind. Dirigido por Victor Fleming. Produzido por David O. Selznick. Distribuído por MGM. 1939.

KARNAL, Leandro. (et al). **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XIX. São Paulo: Contexto, 2007.

LEPORE, Jill. **These Truths**: A history of the United States. New York/London: W. W. Norton & Company, 2018.

Recebido em: 16 de julho de 2024

Aceito em: 5 de novembro de 2024
